

APROPRIAÇÃO DE CONCEITOS DE POLIFONIA E DIALOGISMO EM DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Aparecida da Silva Miranda (UFRN/PPgEL)¹
mirandamas@yahoo.com.br

Sulemi Fabiano Campos (UFRN/PPgEL/GETED/GEPPEP)²
sulemifabiano@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tomamos como objeto a relação que o pesquisador em formação estabelece ao mobilizar uma teoria e organizar o discurso na escrita. Nesse sentido, propomos uma análise da escrita de três dissertações de mestrado da década de 2000, que tratam de conceitos bakhtinianos e que se propõem analisar propostas de escritas como dados empíricos, cujas dissertações foram selecionadas do Portal de Domínio Público-CAPES.

A pesquisa, que tem como título “Apropriação de conceitos *de polifonia e dialogismo em dissertação de mestrado*”, é fruto de estudos e reflexões desenvolvidas no interior do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso – GETED - Departamento de Letras da UFRN, tendo como norte as pesquisas realizadas por (FABIANO, 2007). Temos como propósito responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como um pesquisador em formação se relaciona com a teoria ao mobilizar um conceito de área e colocá-lo em funcionamento na análise dos dados?

Para tanto, traçamos os seguintes objetivos: 1) Verificar como a definição de conceitos como *polifonia, atitude responsiva e dialogismo*, postos na parte da fundamentação teórica, são retomados pelo pesquisador na análise dos dados e; 2) Analisar como as marcas linguísticas deixadas no texto pelo pesquisador, ao mobilizar um conceito teórico evidencia, ou não, a apropriação de conhecimento que o precedeu.

Para responder a questão que norteia a pesquisa, recorreremos aos pressupostos teóricos da heterogeneidade enunciativa marcada e não marcada das expressões de não-coincidências do dizer, propostos por (AUTHIER-REVUZ, 2004), e da abordagem de gêneros do discurso desenvolvida por Bakhtin (1992; 2000).

Authier-Revuz (2004), recorrendo às ideias do Círculo Linguístico de Bakhtin e à psicanálise lacaniana ao longo de seus estudos, procurou descrever, caracterizar e sistematizar as formas de manifestações da heterogeneidade constitutiva da linguagem por meio das expressões linguísticas que ela batizou de heterogeneidade mostrada. Além disso, propôs analisar, por meio das heterogeneidades, a subjetividade e as questões relacionadas ao sujeito.

Seguindo os pressupostos teóricos propostos pela autora, a nossa atenção se volta para o modo como o pesquisador em formação mobiliza a teoria e dá ver em seu trabalho de pesquisa, neste caso, as dissertações de mestrado. Uma escrita que é marcada pelo movimento que o pesquisador estabelece com a teoria ao se posicionar para concordar e/ou discordar criticamente com os já-ditos sobre o seu objeto de pesquisa. Um discurso que é constituído

¹ Professora da Rede Pública de Ensino do Rio Grande do Norte/RN. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/PPgEL da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso/GETED.

² Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFRN e do PPgEL. Líder do GETED e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise/GEPPEP.

por discursos outros, que, ao se fazerem presentes no momento da escrita, definem e organiza os rumos do texto como marca de estilo daquele que escreve.

Posto isso, justifica-se a escolha das dissertações como objeto de estudos desta pesquisa, e, por entendermos que, por ser a linguagem verbal constitutivamente heterogênea, apresenta instrumento caracterizador da relação empreendida pelo pesquisador com o conhecimento teórico ao organizar o discurso na escrita, pois abordaremos o *corpus* com o objetivo de localizar excertos que apresentem pontos de não-coincidência do dizer. A partir daí, a nossa tarefa será inventariar se há ou não coincidência no modo como o pesquisador mobiliza a teoria, e como esta é interpretada na análise dos dados, estabelecendo uma relação subjetiva com a teoria que se filia.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Na perspectiva dos estudos linguísticos das representações metaenunciativas da interlocução, Authier-Revuz (2004) em suas reflexões no campo da enunciação, aborda a relação da linguagem com sua exterioridade, dando lugar às “não-coincidências do dizer”. Além de catalogar as formas de representação da enunciação, a autora propôs uma interpretação subjetiva dessas manifestações que ela nomeou de *metaenunciação*, ou seja, a metaenunciação como um procedimento de inserir no discurso eventos linguísticos construídos sintaticamente de modo a marcar a presença das heterogeneidades enunciativas. Segundo a autora, a língua está sujeita a dimensão da falha e da falta na construção do sentido do discurso. Tomando como referência o dialogismo bakhtiniano, compreende-se que toda palavra por se produzir no meio do *já-dito* dos outros discursos, é habitada pelo discurso *outro*. Authier-Revuz (2004, p.81).

É nesse cenário que se situam os estudos reflexivos no campo opacificante da modalidade autonímica mostrada nas formas pelas quais se realiza, na linearidade do dizer, retornos reflexivos de ressignificação da palavra sobre as coisas a partir de discursos outros. Esses “retornos” metaenunciativos que se voltam sobre as palavras desse dizer em que as vozes, espontaneamente, duplicam no decorrer do discurso.

Nesses estudos, a autora procura mostrar diferentes funções dessas formas linguísticas, a saber: marcar a presença de outro enunciador; marcar a existência de outro sentido; mostrar que uma determinada palavra é imprópria para nomear determinada coisa; propor uma nova nomeação; convocar balizagem teórica exterior, entre muitas outras.

Essas metaenunciações têm a função de marcar as “não coincidências”, que são divididas, segundo Authier-Revuz (2004), em quatro formas de expressões de *não-coincidências com o dizer*, em que todas são mostradas e todas estão constitutivas na enunciação, as quais tomaremos como proposta teórica a ser utilizada neste trabalho como categorias de análise.

AS EXPRESSÕES DE NÃO COINCIDÊNCIAS DO DIZER

Entendemos as não-coincidências do dizer, o que, segundo Authier-Revuz (2004), denomina como procedimentos linguísticos empregados pelo produtor do texto numa postura avaliativa daquilo que foi dito. Isto significa dizer que uma não coincidência pode estabelecer uma relação textual e discursiva entre os interlocutores, entre os discursos, entre as palavras e as coisas e entre as palavras consigo mesmas. Essas expressões são de quatro tipos: não-

coincidência interlocutiva, não- coincidência do discurso consigo mesmo, não-coincidência das palavras com as coisas e não-coincidência das palavras consigo mesmas. Essas formas linguísticas serão apresentadas na sequência.

a) Não coincidência interlocutiva

A *não-coincidência interlocutiva*, segundo a autora, é constitutiva da enunciação por se apoiar na noção lacaniana de sujeito, uma vez que ocorre entre enunciador e destinatário quando uma expressão empregada não é imediatamente ou não é absolutamente compartilhada pelos dois sujeitos do discurso, em que este (sujeito) é dividido em consciente e inconsciente, já que só é sujeito quando fala, e o *Outro* que lhe é constitutivo, entendido como as vozes do inconsciente que afloram na superfície do discurso.

Temos o *UM* que marca a tentativa de fixação de um determinado sentido com o consentimento do *outro/interlocutor*, e o *NÃO-UM*, em que o locutor constata a diferença entre as suas palavras e as do *outro*, ou seja, o dizer não coincide com seu interlocutor, e o sujeito do dizer não coincide também consigo mesmo, pois seu dizer é atravessado pelo discurso do inconsciente.

b) Não-coincidência do discurso consigo mesmo

A não-coincidência do discurso consigo mesmo, compreendida, segundo Authier-Revuz (2004), como uma forma de perceber o que é interior e o que é exterior ao dizer do sujeito-enunciador. É interior ao dizer, cujo ponto de referência da enunciação é sempre o sujeito que fala. E é ainda exterior ao dizer, considerando que haverá sempre um *outro* que pode ser um outro lugar e um outro tempo que enuncia. Representa, também, a interdiscursividade de forma localizada, pois o locutor assinala a presença de algumas palavras marcadas pelo discurso do *outro* em glosas (explicação no texto), que assinalam no discurso a presença de palavras pertencentes a um *outro* discurso, ou seja, quando existem palavras que remetem explicitamente a outros discursos ou uma heterogeneidade explícita, como em: *x como diz fulano; para remeter as palavras de...*; glosas que traçam no discurso, nas diversas relações, uma fronteira interior/ exterior.

c) Não-coincidência entre as palavras e as coisas

A *não-coincidência entre as palavras e as coisas* é colocada pela autora como formas linguísticas que rompem localmente a relação biunívoca entre as palavras e as coisas que são designadas por elas em glosas que representam as buscas do locutor, quando este não encontra a “palavra exata” para especificar seu objetivo de fala, cabendo exemplificar: hesitações, buscas, como em: *x por assim dizer... x maneira de dizer, etc..*

d) Não-coincidência das palavras consigo mesmas

As *não-coincidência das palavras consigo mesmas* são forma linguísticas que refletem a imagem do locutor se deparando com o equívoco em sua própria fala por meio de glosas que designam, ao modo de rejeição de um sentido contra o outro, polissemia, homonímia e/ trocadilho, ou seja, quando o uso de certa palavra não é exatamente naquele sentido empregado, ou que ocasionam, com frequência, distúrbios de compreensão, interferências interpretativas e, equívocos do dizer. Aparecem no discurso, pontualmente, com expressões linguísticas que refletem a imagem do locutor, como em: *x, não no sentido de..., x, em ambos os sentidos, etc.*

Com base nesses conceitos de heterogeneidade ou de expressões de *não coincidência do dizer*, explicitados no parágrafo acima, analisaremos, como ponto inicial, o uso dessas formas de representação da enunciação o caráter da singularidade da linguagem nas dissertações de mestrado, de forma marcada ou não-marcada no discurso em situações específicas da escrita acadêmica, em que procuramos investigar nos comentários metaenunciativos do pesquisador ao mobilizar a teoria em seu trabalho de pesquisa expressões de não-coincidência do dizer, ou expressões que marcam o distanciamento reflexivo entre o conceito e a teoria mobilizados pelo sujeito na relação do discurso com ele mesmo, das coisas pelas palavras e das palavras pelas palavras. Compreendidas como modalizações que remetem a uma relação dialógica do locutor com o seu discurso e do locutor com o outro discurso.

OS CONCEITOS DE POLIFONIA E DIALOGISMO

Para entendermos conceitos de *polifonia e dialogismo* utilizados pelos mestrados como aporte teórico nas dissertações, *corpus* desta pesquisa, recorreremos aos estudos de Bakhtin (2000; 1992). Para esse autor (1992), a utilização da língua pelos falantes se dá através de enunciados orais e escritos, concretos e únicos, que atendam a atividades específicas, à temática, composição e estilo a que se destinam. A língua está articulada ao sujeito, à história e à prática social. Aqui entendemos *estilo*, concordando com Bakhtin (2000), quando justifica tal termo como a escolha das palavras, o uso da língua feito pelo sujeito em uma determinada produção de linguagem. Tomando como base a concepção bakhtiniana de linguagem, o estilo não se realiza de forma individual.

O dialogismo bakhtiniano se realiza justamente nessa articulação heterogênea da língua em que acontece a interação verbal. Falamos, então, de uma língua social, heterogênea e dialógica que se realiza por meio da enunciação e do enunciado de uma língua que é carregada de valores sociais inter-relacionados de várias formas, podendo, nesses atravessamentos, se completar ou se confrontar, criando, assim, a relação dialógica.

Nesse sentido, os textos são construções dialógicas, uma vez resultarem do embate de muitas vozes sociais que, ao se fazerem ouvir, produzem efeitos de polifonia, ou seja, quando essas vozes ou algumas se deixam escutar.

É a partir dessas reflexões, que entendemos a noção de polifonia e dialogismo, que será empreendida neste trabalho de pesquisa. Como *polifonia*, entendemos a presença de vários sujeitos sociais e históricos que se apresentam no discurso, ou várias vozes que se cruzam no tempo e no espaço, na construção do discurso. E como *dialogismo*, concebemos como espaço interacional entre o “eu” e o “tu” entre o eu e o *outro*, na construção do discurso, segundo Bakhtin (2000).

O conceito de polifonia emerge, portanto, do conceito de dialogismo com o entrecruzamento de diversas vozes que se instauram no enunciado, e que a manifestação do inconsciente, no discurso, acontece na projeção de outros discursos sobre o discurso dito sem que haja nenhuma relação desses com o que está sendo dito. Todo o discurso é polifônico na medida em que carrega potencialmente os discursos do inconsciente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Para realizar a análise, destinamo-nos a apresentar o *corpus* que compõe a pesquisa, propondo a descrição do como recortamos os excertos das dissertações.

O *corpus* é constituído de três dissertações de mestrado da área de linguística, que tratam de conceitos advindos da teoria bakhtiniana, e se propõem analisar propostas de escrita de dados empíricos como procedimentos metodológicos de pesquisa, defendidas na década de 2000, após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e estarem disponíveis em versão impressa e também eletrônica de domínio público. Isto porque iremos analisar a relação entre a materialização do conceito teórico e a sua utilização na análise dos dados.

Adotamos como critérios de escolha dos excertos, objeto de análise desta pesquisa, excertos que explicitem a escrita de conceitos bakhtinianos utilizados para fundamentar o trabalho de pesquisa, e o excerto correspondente à aplicação do conceito teórico para analisar os dados da pesquisa, ou seja, o excerto que traz um conceito bakhtiniano (na parte de fundamentação teórica); o outro excerto, teoricamente correspondente, utilizado para analisar os dados da pesquisa, nos possibilitará verificar se há posicionamento enunciativo do texto acadêmico, bem como o posicionamento subjetivo do pesquisador, que seria o que Possenti trata como indícios de autoria.

Entendemos, aqui, como autoria, o que postula Possenti (2002, p.113), em que a autoria significa “dar a voz explicitamente a outros e incorporar ao texto discurso correntes, fazendo ao mesmo tempo uma aposta a respeito do leitor”, ou seja, àquele que assume sua autoria e se responsabiliza por sua escrita; e, como escrita “singular”, entendida como sinônimo de “estilo pessoal de uma marca, que, apresentando o sujeito na obra que alguém construiu a diferencie de todas as outras” (RIOLFI, 2011, p. 15).

O nosso interesse centra-se na forma como o pesquisador mobiliza a teoria e organiza o seu discurso na escrita [no como], do que simplesmente nos resultados ou produto obtidos nas pesquisas analisadas. Dizendo de outro modo, nesta pesquisa não temos como objetivo investigar apenas as dissertações em si, mas o modo como os conceitos teóricos, como: *polifonia; dialogismo; enunciando/enunciação; atitude responsiva*, são mobilizados pelo pesquisador para fundamentar teoricamente o trabalho de pesquisa, e como estes (conceitos) são retomados pelo pesquisador para analisar os dados, como se diferenciam e leva o pesquisador a uma escrita singular como produção de conhecimento.

Desde a década de 80 a 90, varias perspectivas teóricas nortearam as mudanças ocorridas no campo dos estudos da linguística de texto, mais especificamente a partir do enfoque da teoria dos gêneros do discurso de Mikhail Bakhtin. Esses estudos propõem mudanças no ensino de escrita no ambiente escolar, inclusive alterações de ordem estrutural e de denominação do texto, bem como a publicação de um grande número de trabalhos no campo dos estudos da linguística de textos acadêmicos (dissertações), que tratam do conceito de gêneros, principalmente a partir da década de 2000, após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), cuja redação propõe diretrizes com enfoque na concepção sociointeracionista da linguagem para o ensino de português nas escolas brasileiras.

É com base no exposto, que pretendemos mostrar indícios de marcas linguísticas que explicitam, ou não, mudanças no como um conceito é mobilizado por diferentes pesquisadores em dissertações de mestrado, publicadas na década de 2000, e em que as diferenciam, ou não, uma das outras, já que novas perspectivas de linguagem direcionam o trabalho de escrita do gênero acadêmico na divulgação do conhecimento científico, tendo em vista que há sempre uma formação teórica norteadora da organização do discurso na escrita,

tanto daquele que escreve como de quem orienta, podendo ser recuperável através de marcas linguísticas deixadas pelo pesquisador em seu trabalho de pesquisa.

Propomos, pois, analisar de que maneira um conceito bakhtiniano é definido em diferentes dissertações, e verificar se tal conceito, posto na parte da fundamentação teórica dos trabalhos, é retomado pelo pesquisador para analisar os dados. Dessa forma, pretendemos verificar se aquele que escreve se apropria do conhecimento que o precedeu, subjetivando-o.

Para facilitar o nosso trabalho de pesquisa no que tange à investigação e apuração dos dados, esclarecemos que o motivo pelo qual o nosso recorte metodológico se constitui de diferentes dissertações da década de 2000, se dá pelo fato de que, somente a partir dessa década, é que as dissertações foram disponibilizadas em maior número na versão eletrônica.

Passaremos a apresentar de forma sucinta as dissertações que constituem o *corpus* desta pesquisa, abaixo descritas:

Década	Quantidade	Título	Publicação
D1/ 2001	01- dissertação	“Classificado de jornal: gênero discursivo legitimado pelo projeto do capital”,	2001/PUC
D2/ 2006	01- dissertação	Marcas enunciativo-discursivas nas histórias em quadrinhos (HQS): uma proposta de análise de texto como discurso	2006/UFRJ
D3/2008	01-dissertação	Gênero artigo de opinião na perspectiva socio-retórica	2008/PUC

Para dinamizar o trabalho de análise, bem como de leitura desta pesquisa, e preservar a identidade dos informantes, optamos por estabelecer uma ordem de classificação e nomeação das dissertações selecionadas pela letra “**D₁**” do alfabeto, seguida de um número correspondendo à ordem de apresentação, somando-se ao ano de publicação das dissertações. Assim sendo, teremos a seguinte ordem de apresentação das dissertações que constituem o *corpus* desta pesquisa: **D₁/2001; D₂/2006; D₃/2008**. Todas correspondem a década de 2000.

É importante esclarecermos que os excertos selecionados para este trabalho de pesquisa serão transcritos apenas os que tratam de conceitos bakhtinianos, encontrados na parte de fundamentação teórica, e o excerto do conceito correspondente teoricamente, utilizado para analisar dados empíricos das dissertações, *corpus* desta pesquisa, ou seja, os que nos possibilitam realizar o estudo em questão.

A escolha por estes dois capítulos se deu pelo fato de serem estes a parte onde o pesquisador mobiliza os conceitos para fundamentar teoricamente a pesquisa, e, depois, utiliza para analisar os dados empíricos como trabalho de pesquisa, ou seja, é o espaço em que o escrito nos possibilita visualizar como o aluno em formação - mestrando, lida com o conhecimento que o precedeu. Descrevemos, a posteriori, as dissertações foco da nossa pesquisa, a serem analisadas.

Apresentaremos, de forma resumida, as três dissertações que constituem o nosso objeto de estudo, nesta pesquisa.

1) Dissertação, D₁/2001 - tem como título - “Classificado de Jornal: Gênero discursivo legitimado pelo projeto do capital”, defendida no ano de 2001, em uma universidade pública. Está dividida em três capítulos, distribuídos em 146 páginas digitadas. Tem como objetivo realizar um rápido estudo acerca dos classificados de jornal, compreendidos como gênero discursivo, próprios das transformações do capitalismo monopolista, introduzidas nos classificados de jornais, a partir da abordagem teórico-bakhtiniana, bem como de um diálogo

com os fundamentos teóricos de Max. Para tanto, o pesquisador valeu-se de um recorte histórico constituído de 82 classificados de jornal do final do Século XIX (1870 a 2001), da região de Campinas/São Paulo, cabendo aqui expor a questão que inquieta: A influência do capitalismo na elaboração do classificado de jornal; e como as palavras são empregadas nestes diferentes gêneros do discurso.

2) Dissertação- D₂/ 2006- A pesquisa tem como título “*Marcas enunciativo-discursivas nas histórias em quadrinhos (HQs)*”, uma proposta de análise de texto como discurso. Desenvolve um estudo das ocorrências de marcas enunciativo-discursivas das Histórias em Quadrinhos: Implícitos - pressupostos /subentendidos, ambiguidade, ironia e polifonia; com vistas a uma aplicabilidade pedagógica da Gramática Textual, prescrito pelos PCN, bem como a viabilidade das práticas de leitura, interpretação e produção de textos. A pesquisa aborda o texto das Histórias em Quadrinhos (HQs) em forma de tirinhas, publicadas semanalmente no “*Jornal O Globo*”, em um determinado período. A pesquisa está organizada em 04 capítulos distribuídos em 100 páginas digitadas.

3) Dissertação, D₃/ 2008 - Tem como título “Gênero artigo de opinião na perspectiva sócio-retórica de gêneros textuais”. Como objetivo, propôs analisar o gênero artigo de opinião sob a perspectiva dos estudos sócio-retórica de gêneros textuais, buscando analisar o contexto situacional de produção e recepção do artigo de opinião; os elementos linguísticos utilizados nos procedimentos argumentativos e o pluralismo argumentativo, presente nos artigos de opinião que compõem o *corpus* selecionado. O *corpus* é constituído de vinte (20) artigos publicados na Folha de S. Paulo e pelo Diário do Grande ABC, igualmente distribuídos. Compreende o gênero, segundo a perspectiva sócio-retórica na visão dos autores da escola de estudos de gênero norte-americano, uma abordagem originada da fusão de diversas correntes pós- estruturalistas nas ciências sociais, observada a partir de 1950. Analisa o gênero textual a partir dos fundamentos teóricos propostos por Bhatia (1993), por meio do qual os elementos sócio-discursivos são analisados a partir do seu contexto de produção. A pesquisa está organizada em 04 capítulos, distribuídos em 133 páginas.

Apresentamos a análise e interpretação descritiva dos excertos selecionados. Como já colocado, o recorte prioriza excertos que contemplam a exposição de conceitos advindos da teoria bakhtiniana, a partir da década de 2000.

Os excertos que descreveremos - a seguir, foram transcritos, conforme escrita original da parte de fundamentação teórica e da parte de análise dos dados, por compreendermos que é neste espaço em que o pesquisador, ao organizar o discurso na escrita, dá mostras de como usa o conhecimento que o precedeu, assim como marcas da relação da palavra com a palavra do “outro” como indícios de uma escrita singular da produção de conhecimento.

2. A utilização de conceitos bakhtiniano na escrita acadêmica – Década de 2000

Buscamos descrever os excertos tomados como objeto de análise, que apresentam conceitos como *polifonia* e *dialogismo*, tendo em vista que proporcionarão investigar como um pesquisador mobiliza a teoria, e dá a ver em seu trabalho de pesquisa ao organizar o seu discurso na escrita, interessa-nos na medida em que analisaremos como o pesquisador em formação lida com o saber que o precedeu como produção de conhecimento.

Partimos do pressuposto de que os conceitos bakhtinianos foram mobilizados para fundamentar teoricamente as pesquisas, e retomados pelos pesquisadores na análise dos dados ao escreverem as impressões acerca dos objetos analisados em cada pesquisa. Dessa forma, a importância de uma criteriosa escolha dos excertos, enquanto objeto de estudo dessa pesquisa,

nos darão pistas do posicionamento enunciativo do pesquisador em formação, na escrita do texto acadêmico.

Como o foco de nossa análise prioriza a organização do discurso do pesquisador na escrita, ou seja, os diferentes modos que um pesquisador utiliza ao mobilizar um conceito, e dá a ver em seu escrito, iremos detalhar, a seguir, os excertos recotados da parte de fundamentação teórica e seu par, teoricamente correspondente, transcrito da parte de análise dos dados que apresentam conceitos bakhtinianos mobilizados pelo pesquisador em seu trabalho de pesquisa, servindo-se da teoria de modo articulado, ou não, o suficiente a convencer a comunidade científica em que está inserida ou pretende se inserir.

No que segue, apresentamos os excertos emblemáticos que analisamos o entendimento do pesquisador ao mobilizar um conceito teórico e como este é aplicado na análise como dados empíricos de pesquisa.

EXCERTO- 1 - D₁/2001- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

D₁/2001- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1- De acordo com Todorov (1980: 46-47), os gêneros vêm de outros gêneros. O surgimento de um 2.gênero ocorre a partir da transformação de[...] gêneros antigos, [...] por inversão, deslocamento ou por 3.combinação. Todorov (1980)[...]. Um discurso não é feito apenas de frases, mas sim de frases 4.enunciados. **Esta enunciação inclui um locutor que enuncia, um alocutário a quem ele se dirige, um 5.tempo e um lugar, um discurso que presede e que se segue.[...], as frases não são neutras, pois 6.possuem um significado ideológico. Este significado varia entre uma sociedade e outra, de acordo 7.com os graus de decodificação que são em pregados. Um discurso além de ser a representação de 8.um gênero, é construído por frases enunciados, cuja interpretação é determinada[...] pelo conjunto 9.de frases que se enuncia,[...] pela sua própria enunciação.** Por isso é que é interessante pensar o 10.classificado como gênero, que se originou do anúncio, que por sua vez originou-se do aviso, que 11.resultou do recado.[...] (p. 23-24 , grifos nossos).

EXCERTO 2 - D₁/2001-ANÁLISE DOS DADOS

Apresentaremos o excerto 2 para que seja analisada a correlação existente entre os excertos-objetos no que concerne o modo como D₁ define um conceito teórico, mobilizado para fundamentar o trabalho de pesquisa e, depois, como este é aplicado para analisar os dados, vejamos:

D₁/2001-ANÁLISE DOS DADOS

1-Os “Classificados de Jornal” procuram utilizar uma linguagem direta, sem muita ambiguidade, como 2.geralmente aparece na propaganda. Apesar disso, algumas expressões nada significam quando se 3.encontram fora do contexto. Somente serão entendidas por pessoas que se familiarizam com a linguagem 4.específica. Conforme foi abordado anteriormente, **para Bakhtin (1988) é o contexto da enunciação que 5.determina o sentido da palavra.** Apesar de haver vários contextos e várias significações, a palavra não 6.deixa de ser “una”. Este é o caso do enunciado [...]. (p. 95, grifos nossos).

Como podemos observar na parte de fundamentação teórica nas linhas 4 a 9, D₁ mobiliza um conceito da teoria bakhtiniana: *Um discurso além de ser a representação de um gênero, é construído por frases **enunciados**, cuja interpretação é determinada não só pelo conjunto de frases que se enuncia, mas também pela sua própria **enunciação**, Bakhtin (2000).*

Na parte de análise dos dados, **D₁** se propõe a analisar a linguagem dos “Classificados de Jornal” como proposta de pesquisa. Dá para perceber que **D₁** utiliza a expressão *contexto de produção da palavra*, linhas 4 e 5, como sinônimo de *enunciado e enunciação* para justificar o seu argumento, linhas 4 e 5, com o seguinte: Para *Bakhtin (1988)*, *é o contexto da enunciação que determina o sentido da palavra*. No entanto, o que podemos depreender da análise, é que **D₁** não estabelece, em sua interpretação, uma correlação de sentido entre *contexto de produção da linguagem* dos “Classificados de Jornal”, empregada na análise dos dados, com o conceito de “enunciado e enunciação”, ou seja, na tentativa de explicar o conceito, não compartilha como discurso do *outro*, Bakhtin (2000).

Observamos, além disso, que o pesquisador não consegue definir o que entende por *contexto de produção*, segundo a teoria bakhtiniana, como também não estabelecer, uma relação subjetiva ao mobilizar os conceitos de *enunciado e enunciação*, para analisar dados empíricos de sua pesquisa, evidenciando, desse modo, a não relação entre teoria e discurso, podemos entender uma não-coincidência com o dizer do pesquisador e a teoria mobilizada, o que, segundo Authier-Revuz (2004), entendemos como sendo uma heterogeneidade, marcada pelo fracasso interpretativo entre os dois discursos, pesquisador x teoria mobilizada. Observamos que **D₁** está entendendo por “contexto de produção”, ser diferente do sentido empregado pelo pesquisador ao fundamentar o trabalho de pesquisa, visto como: *Segundo Bakhtin (1988) é o contexto da enunciação que determina o sentido da palavra, ou seja, o “enunciado e enunciação”*. Marca a não coincidência do dizer entre a intenção de dizer de **D₁**, e o dizer efetivamente realizado, evidencia falhas entre conceito mobilizado e a reflexão subjetiva empreendida na análise dos dados no modo como o pesquisador compreende a teoria mobilizada. Por esta razão, desliza ao tentar explicar o seu ponto de vista, circunscrevendo-o a um determinado campo do discurso como pontos de não-coincidência discursiva.

As não-coincidências do dizer estão sendo entendidas - aqui, conforme aponta Authier-Revuz (2004), que reconhece como sendo as expressões linguísticas utilizadas pelo sujeito como procedimentos avaliativos das relações textuais e discursivas entre os interlocutores, entre os discursos, entre as palavras e as coisas e entre as palavras consigo mesmas.

EXCERTO 1 – **D₂/2006- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

1/ **D₂ -2006- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

1- Para Bakhtin, os enunciados de um discurso se definem pela natureza dos gêneros discursivos, 2.constitutivos e constituídos em circunstâncias enunciativas peculiares às esferas das relações 3.sociais. Quais quer que sejam a extensão, o conteúdo semântico, os recursos linguísticos e a sua 4.composição estrutural; o discurso, materializado na forma de texto apresenta características que lhe são 5.geralmente comuns, moldadas pelas regras do funcionamento dos gêneros, [...] articuladas no interior 6.das interações das esferas das relações sociais. **Dito de outro modo**, cada esfera do uso da língua 7.(cotidiana ou não) potencializa os seus próprios gêneros, determinando as formas genéricas e 8.relativamente estáveis de manifestação dos discursos, no que tange aos aspectos temático, estilístico e 9.composicional [...] (p.34, grifos nossos).

EXCERTO-1/ **D₂. 2006 – ANÁLISE DOS DADOS**

2- D₂. 2006 – ANÁLISE DOS DADOS

1 A **polifonia retoma outras vozes** que podem ser sinalizadas através das seguintes pistas: *broxar* e
 2. *outros*. É possível perceber um discurso machista que não admite a derrota, o fracasso, uma *performance*
 3. ruim, muito menos ser taxado de *broxa*. O substantivo *broxa* abala o ego masculino, [...]. O texto dialoga
 4. com a máxima popular: *Pimenta nos olhos dos outro é fresco*. O diálogo polifônico possibilita
 5. descrever um homem que não assume seu fracasso, [...]. **A polifonia é uma marca enunciativo-**
 6. **discursiva, nesse texto, pois é possível perceber a voz do outro no discurso, no caso, um discurso**
 7. **machista. [...] manifestam a polifonia, o pressuposto pode ser considerado um índice linguístico-**
 8. **textual que evoca outras vozes à enunciação discursiva.** [...] a pressuposição, que é um implícito,
 9. **acarreta um recurso polifônico, já que a enunciação discursiva imprime uma voz diluída no**
 10. **discurso de Hagar.** (p. 77, grifos nossos).

Ao compararmos os dois excertos de **D₂. 2006**, transcritos respectivamente da fundamentação teórica e da análise dos dados, percebemos que há um distanciamento teórico na organização do discurso na escrita, uma vez que o pesquisador **D₂** não estabelece uma relação entre a teoria mobilizada como fundamentos teóricos do trabalho de pesquisa, excerto-1, linha 1, visto em: *Para Bakhtin, os enunciados de um discurso se definem pela natureza dos gêneros discursivos, constitutivos e constituídos em circunstâncias enunciativas peculiares às esferas das relações sociais*, e o excerto 2, análise dos dados, linhas 5 a 8, expresso em: *A polifonia é uma marca enunciativo discursiva, nesse texto, pois é possível perceber a voz do outro no discurso, no caso, um discurso machista. [...] manifestam a polifonia, o pressuposto pode ser considerado um índice linguístico textual que evoca outras vozes à enunciação discursiva*. Depreendemos dessa análise, que o modo como o pesquisador interpreta e descreve a teoria não faz sentido do modo como foi interpretada pelo pesquisador ao descrever o discurso polifônico, ou seja, ocorre um distanciamento do enunciador com as palavras e o sentido enunciado. Além disso, o termo apresenta o conceito de dialogismo de Bakhtin, o que o caracteriza, conforme Authier-Revuz, como não-coincidência do discurso consigo mesmo.

Observamos que nos dois excertos, **D₂** marca o que é exterior ao seu discurso. No entanto, ao analisar os dados, ele parte do conceito de polifonia como marca enunciativa de outras vozes que interagem no discurso, retomando, neste, o conceito mobilizado na parte de fundamentação teórica. Contudo, não estabelece uma relação entre o discurso teórico que fundamenta o trabalho de pesquisa e a teoria mobilizada para analisar os dados. Desse modo, ao tentar se aproximar das palavras do autor, marca o distanciamento entre o seu dizer e das palavras do outro/teórico.

No excerto 1, de **D₂**, linha 6, na expressão: *Dito de outro modo*, apresenta o que Authier-Revuz (2004) denomina de pontos de não coincidência-discursiva, em que o sujeito enunciador sente que seu dizer não está, necessariamente, coincidindo com o discurso do outro, o discurso universal da linguagem e, por isso, tenta esconder a lacuna criada pela não coincidência que se instala entre o seu dizer e o dizer do outro, em seu discurso.

EXCERTO-1/ D₃. 2008 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1- D₃. 2008- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Bakhtin (1997), em *Estética da criação verbal*, afirma que a utilização da língua, emanando dos 2.membros das diversas esferas da atividade humana, realiza-se na forma de enunciados concretos e 3.únicos. Cada uma dessas esferas tem suas próprias condições específicas e finalidades nos enunciados. 4.Iso não se limita ao seu conteúdo temático, ao seu estilo verbal, à seleção que se opera nos recursos 5.linguísticos, mas também chega a sua construção composicional. Na totalidade do enunciado, o 6.conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são fundidos de forma indissolúvel, e a 7.especificidade de uma dada esfera de comunicação os identifica com suas marcas. Todo enunciado 8.analisado de maneira isolada “é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora 9.seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso” 10.(Bakhtin, 1997, p.279) , (p. 24, grifos nossos).

EXCERTO-2/ D₃. 2008 – ANÁLISE DOS DADOS

D₃. 2008 – ANÁLISE DOS DADOS

1. O artigo de opinião, de acordo com o exposto sobre a articulação dos jornais, manifesta o 2.dialogismo a que Bakhtin (1997) se refere em *Estética da criação verbal*. As dimensões do artigo, 3.quanto ao número de palavras e ao número de operadores argumentativos, são proporcionais ao 4.número de interlocutores, aos quais o produtor do artigo é coagido a dar respostas, se realmente tiver o 5.propósito comunicativo de persuadi-lo de suas convicções. [...] o dialogismo, que pode ser marcado, 6.como vimos, pelo pluralismo argumentativo, se o autor responde tanto aos argumentos 7.favoráveis à sua posição quanto ao contrário. Não há pluralismo argumentativo quando o autor 8.responde somente às vozes favoráveis ao seu ponto de vista. [...] (p. 110, grifos nossos).

Ao comparar o gênero artigo de opinião que circula nos jornais, linha 1, quanto a articulação de palavras, encontramos uma manifestação da não coincidência das palavras com elas mesmas, segundo a classificação de Authier-Revuz (2004 p.195), que vê aqui o testemunho dos enunciadorees como o equívoco que joga com suas palavras ao tentar explicar o dialogismo bakhtiniano, ao comparar o que o pluralismo presente no artigo de opinião que circula nos jornais, vistos nas linhas de 5 a 8 . Já Na linhas 7 e 8, com a expressão: *Não há pluralismo argumentativo quando o autor responde somente às vozes favoráveis ao seu ponto de vista*, o pesquisador D₃, ao buscar respostas e sentido ao enunciado, marca a não coincidência entre a teoria e o discurso do pesquisador, no sentido empregado na análise dos dados.

Tal forma rejeita, inicialmente, um sentido para depois especificar o sentido a ser entendido, uma estrutura que marca o fracasso na organização do seu discurso, estabelecendo pontos de não coincidência discursiva. Percebe-se, claramente, nesse exemplo, a característica reflexiva do enunciado-comentário sobre o dito, o que demonstra, neste excerto, que D₃ não se apropriou do conceito de dialogismo, pois repete o conceito sem nem mesmo definir, apenas estabelece um retorno explicativo para o conceito enunciado.

CONSIDERAÇÕES

No decorrer desse artigo, perseguimos responder a questão que norteia a nossa investigação: Como o pesquisador em formação se relaciona com a teoria ao mobilizar um conceito de área, e colocá-lo em funcionamento na análise dos dados? Nesse percurso, tomamos suporte teórico à heterogeneidade enunciativa marcada e não marcada das

expressões de não-coincidências do dizer, propostas por (AUTHIER-REVUZ, 2004). Com base nesses pressupostos teóricos, procuramos demonstrar a relação empreendida pelo pesquisador em formação ao mobilizar um conceito teórico em seu trabalho de escrita de sua pesquisa. Desse modo, procuramos mostrar as não-coincidências no dizer do pesquisador ao convocar uma teoria e interpretar para analisar os dados de sua pesquisa.

Interpretamos a partir, das observações das três dissertações: D₁, D₂ e D₃, analisadas, que a produção escrita desses pesquisadores se mostra um discurso confuso ao tomar a linguagem como objeto, não como reflexão interativa. Ao empreender as análises dos dados, se distancia do que enuncia, pois é possível depreender, que o pesquisador não estabelece uma relação teórica dos conceitos de *polifonia e dialogismo* com o conhecimento sistematizado na análise dos dados.

Já em relação aos procedimentos linguísticos como: “para x... ; de acordo com...; conforme x..;”, etc., utilizam de forma coísciente ao mobilizar a teoria de modo a conferir estatuto de autoridade como produção de conhecimento científico. Porém, ainda, se mostra preso à repetição de conceitos, sem mesmo defini-los.

Os dados revelam preocupação observada nos três pesquisadores: D₁, D₂ e D₃, em mostrar afinidade com a teoria que, possivelmente, foi-lhes instruída a estudar. Essa fixação da teoria faz com que os alunos não consigam produzir outra coisa em seu texto que não seja voltada à demarcação do discurso do *outro*, sem que haja uma explicação coerente para o conceito de polifonia e dialogismo, a partir dos fundamentos teóricos de Bakhtin (2000), pois ficam na repetição.

A partir desses elementos, observados na produção escrita desses alunos, focalizamos para um discurso que surge da percepção de que a autoria também se constitui, enquanto processo atravessado por discursos outros, os quais são construídos social e culturalmente pela heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 2004), o que direciona para a consideração de uma autoria na perspectiva de deslocamentos de sentidos do discurso que são atravessados pelos outros discursos, os quais são afetados pelo distanciamento de uma posição assumida e não negada como sentidos decorrentes da exposição da língua e da sua capacidade de jogo polissêmico em seu discurso subjetivo.

É válido considerar que a escrita de gêneros acadêmicos (dissertação) implica a necessidade de compreender a importância de se considerar, no fio do discurso, os processos de negociação obrigatórios do sujeito como resposta à heterogeneidade que inevitavelmente o constitui.

Observamos nos dados analisados, que as não-coincidências interdiscursivas são as que mais se apresentam. Dessa forma, acreditamos ser uma necessidade própria dos gêneros, uma vez se tratar de um gênero acadêmico, e que a balizagem é exigida para referendar o conhecimento científico do próprio gênero, inversamente às não-coincidências das *palavras consigo mesmas*, são as que menos ocorrem. Contudo, são hipóteses preliminares que poderão se confirmar ou não com o andamento da pesquisa, com mais propriedade, já que a pesquisa se encontra em fase inicial.

Diante do exposto, entendemos, por assim dizer, que as não-coincidências do dizer é o cominho para entendermos como se dá a apropriação do conhecimento da linguagem e de uma escrita que marca a singularidade daquele que escreve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores Porto Alegre:

EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Traduzido por Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

FABIANO, S. Pesquisa na Graduação: a escrita do gênero acadêmico. Cáceres-MT: Editora da UNEMAT, 2004.

FABIANO, S. A prática da pesquisa como sustentação da apropriação do conhecimento na graduação em Letras. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2007

POSSENTI, S. Índícios de autoria. In: Perspectiva. Florianópolis, v. 20, n. 01, p.113, jan/jun. 2002.

RIOLFI, C. R. Lições da coragem: o inferno da escrita. RIOLFI, C.; BARZOTTO, V.H. (orgs) O inferno da escrita: produções escrita e psicanálise. São Paulo: Mercado das Letras, 2011, (15)